

5

Considerações finais:

Escrevendo a cena da escritura - o gesto desconstrutivo

Após o grande *détour* do nosso estudo, gostaríamos de reformular a herança freudiana da Desconstrução: a inscrição de um *gesto* desconstrutivo na cena do mundo. Porquê o *gesto*, esta palavra cuja insistência notamos sempre que Derrida se refere a Freud?

Voltemos ao nosso início. Voltemos a *Freud e a cena da escritura*. Nas últimas linhas, Derrida escreve sobre a obra de Freud:

Neste momento da história do mundo, (...) uma relação a si da cena histórico-transcendental da escritura se disse sem se dizer, pensou-se sem se ter pensado: escrito e ao mesmo tempo apagado, metaforizado, ele próprio designado ao indicar relações intramundanas, *representado*. Isso talvez se reconheça (...) pelo fato de Freud, com uma amplidão e uma continuidade admiráveis, ter-nos, ele também, *feito a cena da escritura*. Aqui, é preciso pensar essa cena em termos diversos dos termos da psicologia individual ou coletiva, mesmo da antropologia. É preciso pensá-la no horizonte da cena do mundo, como a história desta cena.¹⁷⁵

Derrida afirma que Freud fez a cena da escritura. E que ele o fez enquanto cena do mundo. De fato, isto é incontestável: pelas marcas que ele deixou com a inscrição do seu traço na história do pensamento, em todos os campos de conhecimento. O traço de Freud foi aquele que, inscrevendo com “uma ponta seca e uma escrita sem tinta”¹⁷⁶, não se deteve diante da tarefa da transação especulativa, da necessidade da *negociação* num campo de forças que leva em conta outras escrituras (ciências naturais, história, literatura, filosofia, etc). Mais do que isso: a escritura de Freud se coloca *em cena*. Ela nos conta “ficções

¹⁷⁵ DERRIDA, J. “Freud e a cena da escritura”, p. 225.

¹⁷⁶ Ibid., p.225.

teóricas” que expõem Freud a todos os riscos e perigos. Ela pratica a si mesma na cena.

Em 1920, numa carta¹⁷⁷, Freud escrevia ao seu futuro biógrafo, Ernest Jones, sobre a questão do reconhecimento da psicanálise como ciência: “Tenho certeza de que, dentro de algumas décadas, meu nome será esquecido, mas que nossas descobertas sobreviverão”. Podemos nos perguntar hoje se a previsão de Freud não se realizou de forma inversa às suas expectativas. Se não há dúvidas que as descobertas freudianas marcaram de forma definitiva nossa cultura, ocorreu, sem dúvida uma certa estagnação, uma certa tranquilização em relação ao potencial subversivo da experiência freudiana e da necessidade de se repensá-la no campo no qual trabalhamos atualmente. Há uma fragilidade específica da psicanálise que se deve ao seu objeto mesmo e à estrutura do seu legado. Como afirma Derrida, a psicanálise, como especulação autobiográfica, enquanto constitui um legado e a instituição de um movimento sem limite, deve levar em conta, na sua performance mesma, a mortalidade do herdeiro. A partir do momento que a escritura de Freud confessa a morte no coração mesmo de sua estrutura, a morte pode em princípio reaparecer a cada momento na linhagem dos legatários. O especulador, Freud, pode, então, “sobreviver ao legatário e esta possibilidade está inscrita na estrutura do legado”¹⁷⁸. Deste modo, o mesmo que é condição de possibilidade da psicanálise, como texto e instituição, corre o risco de esgotá-la se ela pretender se garantir apoiando-se na pronúncia de um nome único, de uma assinatura única, de um nome e de uma assinatura como “unicidade”. Como dar conta, portanto, deste estranho legado, como estendê-lo, como vivificá-lo, como fazê-lo produzir ainda acontecimentos no espaço do pensamento?

Freud sobrevive ao legatário, pois ele paga o preço de uma assinatura. Derrida, no diálogo *De quoi demain*, elogia o gesto de Freud que consiste em confessar a divisão do seu próprio discurso, confessar seu espaço de indecidibilidade, único lugar de onde pode advir sua tomada de posição, sua decisão:

Entre os gestos que me convenceram, seduziram na verdade, há essa indispensável audácia do pensamento, o que eu hesito a chamar de sua coragem: isso consiste em escrever, inscrever, assinar, em nome de um saber sem álibi (e, portanto, o mais

¹⁷⁷ FREUD, S. *Carta de 12 de janeiro de 1920 a Ernest Jones*.

¹⁷⁸ DERRIDA, J. *Speculer sur Freud*, p.326.

“positivo”), “ficções teóricas”. Assim são reconhecidas duas coisas ao mesmo tempo: *de um lado*, a irreduzível necessidade de um estratagema, da transação, da negociação no saber, no teorema, na posição da verdade, em sua demonstração, em seu “fazer saber” ou em seu “dar a entender” e, *de outro lado*, a dívida de toda posição teórica (mas igualmente jurídica, ética, política) com relação a um poder performativo estruturado pela *ficção*, por uma invenção figural ¹⁷⁹.

Observa-se, portanto, que as ficções teóricas¹⁸⁰ ou especulações freudianas abrem um espaço indecidível em relação ao saber teórico, um espaço de manobra de onde pode aparecer a única decisão legítima, a decisão inventada, sem álibi. Derrida afirma que este espaço de indecisão não é, portanto, um relativismo, uma prisão de jogos de diferenças carente de afirmatividade. De fato, ele nos mostra que, em “Além do princípio do prazer”, Freud, *só avançava suspendendo*, trabalhando todas as teses nas quais seus sucessores e leitores teriam interesse em pará-lo. Sua invenção não era, portanto, “livre”, seu texto se submetia a um estranho imperativo.

Depois de todas as declarações de Derrida sobre a implicação psicanalítica do pensamento da Desconstrução, podemos nos perguntar como esta toma em mãos a herança freudiana: o gesto de inscrever ficções teóricas, de especular e de negociar no espaço do pensamento. Passamos agora, portanto, para a Desconstrução *em ato*, o gesto escrevendo a cena do mundo. O que descrevemos a partir de agora, está de acordo com a afirmação de Derrida em *Posições*: “A Desconstrução não é neutra, ela intervém” ¹⁸¹.

¹⁷⁹ DERRIDA, J. *De quoi demain*, p. 281.

¹⁸⁰ O termo “ficções teóricas” foi utilizado por Freud em “A interpretação dos sonhos” para retificar as noções de processo primário e secundário, abalando a idéia de uma primariedade dos processos psíquicos (Processo primário: ligado ao INC, caracterizado, no plano econômico, pelo livre escoamento da energia e, portanto, pelo livre deslizamento de sentido entre uma representação e outra. Processo secundário: ligado ao pré-consciente, se caracteriza por uma submissão do escoamento energético ao princípio de realidade, sendo o suporte do pensamento lógico e da ação controlada.): “Quando descrevi como ‘primário’ um dos processos psíquicos que ocorrem no aparelho anímico, o que tinha em mente não eram apenas considerações sobre a importância relativa e a eficiência; pretendi também escolher um nome que desse uma indicação de sua prioridade cronológica. É verdade que, até onde sabemos, não existe nenhum aparelho psíquico que possua apenas um processo primário e, nessa medida, tal aparelho é uma *ficção teórica*.” (FREUD, S. “A interpretação dos sonhos”, cap.7, seção E.) No artigo “A diferença” e, portanto, cedo em sua obra, Derrida já faz alusão à expressão freudiana “ficções teóricas” para situar o movimento da *différance* no texto de Freud. Cf. artigo p.52.

¹⁸¹ DERRIDA, J. op.cit., p. 117.

Em uma entrevista concedida a François Ewald, em 1991 ¹⁸², Derrida fala do seu pensamento e de sua responsabilidade. Para ele, a tomada de responsabilidade, tal como no discurso de Freud, faz referência igualmente a um imperativo; ela

aponta em direção à uma lei, à uma *injunção imperativa* à qual é preciso responder finalmente sem norma, sem normatividade ou normalidade atualmente presentável, sem nada que seja finalmente objeto de saber, pertencendo à ordem do ser ou do valor.

Mas ainda, nos perguntaríamos, no que consiste esta resposta sem normatividade? Como ela se escreve no espaço no qual trabalhamos e na cena do mundo?

Na recente entrevista concedida à TV francesa, no dia 23 de junho de 2004, Derrida responde a algumas perguntas sobre a Desconstrução e sobre temas da atualidade mundial. A primeira questão consiste, como se poderia prever, à definição do nome “Desconstrução”. Resposta de Derrida:

Como você pode imaginar me colocam constantemente esta questão e eu não sei jamais lhe dar somente uma resposta. (...) eu improvisei duas ou três respostas em contextos diferentes, um pouco para esvaziar a autoridade mesma desta questão, a legitimidade desta questão, pois eu não creio que exista “A Desconstrução”, existem “desconstruções” que diferem de um lugar a outro, de um contexto à outro (...) Eu costumo dizer que a Desconstrução “é o que acontece”, o que acontece, o impossível, é a única coisa que acontece (...) ¹⁸³

A Desconstrução é acontecimento. Ela é, portanto, o acontecimento na sua singularidade, no seu “a cada vez”, no “instante-já” da Desconstrução, no gesto mesmo de desconstruir. O arquivo da Desconstrução é acontecimento.

No desenrolar da entrevista, podemos ver o gesto desconstrutivo. Por exemplo, a propósito da construção européia e da conseqüente necessidade de uma desconstrução da noção de soberania dos Estados-Nação:

No contexto do debate atual sobre a Europa (...) eu sou a favor da *transação*, que está em curso, sou a favor de transações, as melhores possíveis, entre tal divisão ou tal abandono de soberania e tal manutenção de soberania. Como sempre, em política

¹⁸² Publicada no Magazine littéraire, num. 286, março, 1981.

¹⁸³ “L’angoisse du futur”, debate com Jacques Derrida e Régis Debret, *Culture et dépendance*, apresentado por Franz-Olivier Giesbert, France Télévision, 23 juin 2004.

ou em outros domínios, eu sou um homem não de compromissos, mas de transação. Eu acredito que é preciso transigir com a soberania.

Mais adiante, na mesma entrevista, Derrida é convocado a responder sobre um outro tema da cena do mundo, desta vez, mais polêmico: o do casamento homossexual ¹⁸⁴. A resposta do filósofo, comparando-se com o tema anterior, coincide e obedece ao imperativo de uma certa *posição*:

Sobre todas as questões que acabamos de abordar, eu falei da minha *transação*, de meu gosto por ela e da sua *necessidade*. Eu assinei esta petição com duas mãos, porque eu penso que, no contexto atual, dado pela legislação atual, não existe razão, depois do PACS, ¹⁸⁵ etc, para que os homossexuais não possam se beneficiar de um certo número de direitos que lhe são negados e, portanto, *é bom* que exista casamento homossexual, e eu aplaudi Noël Mamers por sua iniciativa recente. Tendo feito isto, eu não sou, no entanto, “a favor” [*pour*] do casamento homossexual em si. O que acontece é, deste modo, *transação*: No futuro e como posição absoluta eu serei a favor [*pour*], se eu fosse legislador, de que se proponha e que se imponha a desapareição pura e simples no código civil da palavra e do conceito de “casamento”. Uma nova desconstrução em vista? Total, radical, para que no código civil não se fale mais de “casamento”; que se fale de união civil, de PACS arranjados, combinados, sofisticados, etc, de contratos entre duas pessoas de sexos diferentes, entre, talvez, mais de duas pessoas. Isto é para a constituição civil. Mas como o conceito de “casamento”, nas normas que são as nossas hoje, e apesar do laicismo, permanece ainda um conceito sacral, religioso, vinculado à heterossexualidade, à procriação etc., aqueles que quisessem se casar, segundo um conceito rigoroso de casamento, poderiam fazê-lo diante de um padre, um rabino, etc, que consagraria seu casamento, mas isto não seria a união civil inscrita na constituição francesa. Alguns poderiam fazer os dois; outros poderiam fazer somente uma coisa, e outros ainda poderiam não fazer nada. Mas eu dissociaria totalmente o “casamento” (pois sob este nome eu já não entenderia “a instituição sacralizante”) do ato de união civil.

Vamos recolher ainda mais um exemplo para demonstrar a transação especulativa derridiana. No diálogo *De quoi demain*, Derrida discute com Elisabeth Roudinesco sobre o que se entende hoje, no cenário político francês, como o debate sobre a paridade ¹⁸⁶ dos sexos na vida política. No trecho deste

¹⁸⁴ Derrida assinou recentemente a petição endereçada aos partidos políticos franceses que reclama a instituição do casamento homossexual. Esta petição foi o instrumento pelo qual se pretendeu levantar o debate por ocasião das eleições europeias do mês de junho de 2004. Depois de junho, Noël Mamers, predidente do partido ecologista, foi o único prefeito na França a ter celebrado um casamento homossexual com uma inscrição jurídica. Ele foi suspenso de suas funções durante dois meses pelo Ministério do interior e o casamento está em vias de se tornar inválido. Noël Mamers anunciou sua intenção de recorrer a corte europeia de Direitos do Homem a este respeito.

¹⁸⁵ Pacte Civil de Solidarité: contrato que permite a união econômica de duas pessoas do mesmo sexo, adotado pela Assembléia Nacional francesa no dia 15 de novembro de 1999.

¹⁸⁶ O parlamento francês votou em 1999 um texto cujo objetivo é de aumentar a representação das mulheres na vida política. Este texto estabelece as mesmas condições de acesso entre mulheres e homens aos mandatos eleitorais e funções eletivas.

debate podemos ver toda a coerência da posição do filósofo: A Desconstrução não é um relativismo; ela implica sempre uma tomada de posições mesmo que não seja a de posições binárias, herdeiras de uma lógica metafísica ¹⁸⁷.

Eu desconfio muito do discurso, da lógica e da retórica do que, estranhamente, se chama de paridade (...) Mas a partir do momento em que me dizem: ‘É preciso votar sim ou não na paridade assim determinada’, eu percebo que se voto ‘contra’, estou me arriscando a ratificar uma situação catastrófica. A França é o país mais retardatário no que diz respeito à presença, e, sobretudo, à representação das mulheres na vida política. Se me intimam a votar ‘pró’ ou ‘contra’, naquele momento e a despeito de minhas ressalvas, votarei a favor da paridade, porque se voto ‘contra’ confirmo um fato massificante e intolerável: a sub-representação das mulheres na política num grau desconhecido na Europa, o que traz gravíssimas consequências ou implicações ¹⁸⁸.

E mais adiante:

Em certas situações, que devem ser analisadas a cada vez de uma maneira singular, posso ser levado a tomar posições que podem parecer, aos olhos de gente apressada, aquilo mesmo que contesto: relativismo e particularismo ¹⁸⁹.

Deste modo concluímos nosso estudo cujo objetivo era o de investigar a herança freudiana da Desconstrução tomando-se como articulador o tema da escritura. Este gesto desconstrutivo, herança de Freud propriamente dita, é sempre gesto de escritura, a escritura escrevendo-se a si própria, como sublinhamos diversas vezes durante este trabalho. Mas em que espaço se escreve a escritura? Na cena do mundo. O lugar do pensador é *na* cena do mundo, a tarefa de sua escritura é acrescentar-se a esta cena, é fazer esta cena, produzir esta cena, instituir a escritura em seu acontecimento, seja através da enunciação, da palavra falada, seja através da escrita. Derrida renomeou a escritura como “arqui-escritura” para apontá-la como o funcionamento da língua em geral, o mundo como texto cujo jogo de signos implica, desde sempre, morte, perda, repetição, risco, acontecimento ¹⁹⁰. “Arqui-estrutura” circunscreve este espaço em que o texto de alguém é uma herança que nunca está presente a si mesma e é sempre

¹⁸⁷ Em *Posições*, Derrida comenta ainda: “Quando tento decifrar um texto, não me pergunto constantemente se terminarei por responder *sim* ou *não* de maneira indiferenciada, como se faz na França em épocas determinadas da história e, em geral, aos domingos” DERRIDA, J. *Posições*, p.59.

¹⁸⁸ DERRIDA, J. op. cit., p. 46.

¹⁸⁹ Ibid., p.48.

¹⁹⁰ Sobre o conceito de arqui-escritura, remeto o leitor à *Gramatologia*, onde este é abordado em diversas passagens do texto.

desviada *enquanto tal*, podendo nunca chegar ao seu “destinatário-herdeiro”. De fato, aprendemos com Freud e Derrida que o que se herda é sempre da ordem de um segredo. Este põe cada um ao trabalho: a herança é sempre uma tarefa.

Uma herança nunca é “reunida”, ela não é jamais uma consigo mesma. Sua presumida unidade, se esta existe, só pode consistir na *injunção de reafirmar ao escolher*. É preciso quer dizer que é preciso filtrar, selecionar, criticar, é preciso escolher entre as várias possibilidades que habitam a mesma injunção. E a habitam de forma contraditória em torno do segredo. Se a legibilidade de um legado estivesse dada, natural, transparente, unívoca, se ela não chamasse e não desafiasse ao mesmo tempo a interpretação, não existiria jamais o que dela poderia ser herdado. Seríamos afetados por ela como que por uma causa — natural ou genética. O que se herda é sempre um segredo que diz ‘Leia-me: você será capaz disso?’¹⁹¹

¹⁹¹ DERRIDA, J. *Spectres de Marx*, p.40.